

São Paulo, 11 de setembro de 2020

Oi, Tininha! Sempre lembro de você, mas hoje essa memória está mais presente.

Ao escolher um conto para o curso de “Contação de histórias para internet”, o conto fez eu abrir o meu baú de tesouros...

E lembrei dos nossos encontros.

Escolhi o conto “A árvore de sapatos”, e ele contou, de certo modo, um trecho da minha história.

O conto que me conta!

Há muito tempo...

Bom, lá na minha infância, há mais ou menos 37 anos, nas férias escolar, não foram apenas as aulas do ano letivo que chegaram ao fim, meus sapatos também.

Pra que sapatos?

Era verão, férias, só tinha chinelos!

Não me importava, qual a necessidade de usar sapatos no brincar?

Sentir o chão com os pés desnudos era tão bom, até os primeiros gritos de minha mãe, ordenando para tirar os pés do chão e calçar os chinelos.

Mas, sempre existe o mas, um dia você pode precisar dos sapatos, até nas férias.

E foi assim.

Não era uma necessidade real, poderia me negar, e sair com chinelos ou ficar em casa, porém não teria essa história a contar.

Um dia, sozinha em casa, como o habitual, minha tia chega com suas filhas e elas, como sempre, bem calçadas.

Sou convidada a sair com elas, minha tia pediu que me arrumasse.

Assim o fiz, ao dizer que estava pronta, veio a indagação de minha tia:

– Cadê os sapatos?

Não tenho!

Respondi. Só tenho chinelos.



Minha tãha disse que nãõ poderia sair com chinelos, e sugeriu que pedisse emprestado à minha amiga.

A minha amiga Gê, a amizade que a minha mãe nãõ queria, por causa da cor da querida menina.

Falei com a Gê, que me emprestou prontamente o seu sapato rosa de “sair”. Foi entãõ que descobrimos uma diferençã entre nós, o tamanho dos pés.

Tive a ideia de colocar papel higiênico dentro do sapato, ele até combinava com o sapato cor de rosa, o Primavera.

O sapato que eu sempre achei bonito nos pés da Gê, nãõ tinha palmilhas, e os furinhos do acabamento doãam os pés ao pisar. Entãõ, a soluçãõ: o Primavera.

O passeio foi bom, brincamos na casa da amiga da minha tia, mas gostaria que a minha amiga Gê estivesse conosco. A casa era bonita, grande, lanche apõs as brincadeiras, mas tudo passa.

O dia passou, hora de retornar a casa.

Na metade do caminho, a dor. Nãõ imaginava que os pés iriam suar, o dia quente de verãõ fizeram o Primavera derreter.

Nãõ via a hora de chegar em casa, ficar descalça, devolver o sapato para Gê e contar a aventura do dia no portãõ.

E assim foi, agradei e contei como foi passar o dia com o sapato cor de rosa.

O conto que me conta!

Tininha, como um conto é revelador e se transforma num bilhete de viagem, de 2020 voltei ao ano de 1984, num dia quente de verãõ das fãrias escolar.

Aqui estou novamente num presente vãvido de passado, presa numa quarentena. Todos se revelam por uma tela. E sãõ tantas revelações, um compartilhar sem toque a imaginar o que estã além do olhar.

Nunca te vi pessoalmente, mas te sinto presente.

*Joelma Lins*

